



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**BRUNA THAISE LIMA DUARTE**

**O IMPACTO DA MOBILIDADE DA INTERNET NO JORNALISMO  
TRADICIONAL: DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER MUDIÁTICO**

**CAMPINA GRANDE**  
**2017**

**BRUNA THAISE LIMA DUARTE**

**O IMPACTO DA MOBILIDADE DA INTERNET NO JORNALISMO  
TRADICIONAL: DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER MIDIÁTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo científico, apresentado ao curso de graduação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo.

**CAMPINA GRANDE**  
**2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D812i Duarte, Bruna Thaise Lima.  
O impacto da mobilidade da internet no jornalismo tradicional [manuscrito] : descentralização do poder midiático / Bruna Thaise Lima Duarte. - 2017.  
28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo , Departamento de Ciências Sociais - CEDUC."

1. Mídias digitais. 2. Mídia tradicional. 3. Democratização da Informação. 4. Poder midiático.

21. ed. CDD 070.4

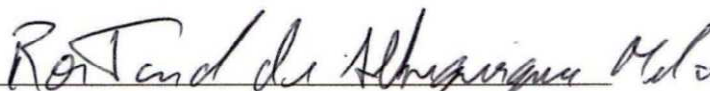
**BRUNA THAISE LIMA DUARTE**

**O IMPACTO DA MOBILIDADE DA INTERNET NO JORNALISMO  
TRADICIONAL: DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER MIDIÁTICO**

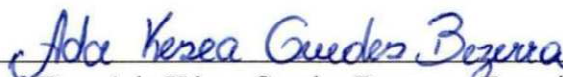
Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo científico, apresentado ao curso de graduação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Aprovada em: 18/12/2017

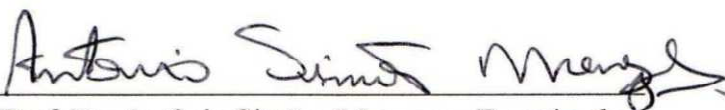
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Ada Késeá Guedes Bezerra - Examinadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Antônio Simões Menezes - Examinador  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## DEDICATÓRIA

**Dedico a minha filha.**

*Ariadne Duarte, por me dá o presente de ser mãe. E me mostrar que sou capaz de ser bem mais.*

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os meus amigos, minha família e professores que me incentivavam e me apoiaram até aqui.

# O IMPACTO DA MOBILIDADE DA INTERNET NO JORNALISMO TRADICIONAL: DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER MIDIÁTICO

Bruna Thaise Lima Duarte<sup>1</sup>

## RESUMO

Com o advento da Internet e mídias digitais, em especial as *Lives* nas redes sociais, houve uma ruptura na monopolização das informações pelas mídias tradicionais. O presente artigo tem o objetivo de analisar o impacto da ferramenta *Live* no Facebook na cobertura jornalística e no acesso à informação, em comparação aos meios de comunicação tradicionais. A análise da cobertura foi realizada a partir de estudo de caso sobre a veiculação de informações relativas às manifestações políticas contra a Reforma da Previdência realizadas no dia 24 de maio de 2017 em Brasília. Adotamos como recorte de análise dois vídeos exibidos em tipos distintos de mídia, sendo o primeiro uma matéria dos meios de comunicação tradicional exibida no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão exibida em 24/05/2017. O segundo vídeo refere-se à transmissão ao vivo realizada no mesmo dia das manifestações pela página Mídia Ninja no Facebook. Aplicamos conceitos relacionais a teoria Ator - Rede com o conceito de “Cartografia de Controvérsias” (Bruno Latour 1980) para identificar as ações dos actantes humanos e não humanos que participam dessa cobertura através da teoria percebemos o impacto causado pela mobilidade da internet no discurso midiático tradicional.

**Palavras-Chaves:** Mídias Digitais, Mídias Tradicionais, Democratização da Informação, Comunicação Política, Ator-Rede.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de graduação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: brunaduartec934@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A partir do momento que o jornalismo passa a relatar os fatos, a necessidade do público estar presente no lugar do acontecimento já não é necessária, e essa ausência dá poder ao sistema midiático de passar ideologias interferindo na formação da opinião pública e no imaginário social. Partindo desse pressuposto, buscamos demonstrar no presente trabalho como o sistema midiático usa do poder da informação e das tecnologias para controlar e influenciar a sociedade, como o jornalismo e os profissionais da área se colocam diante das mudanças pós-industrial, como eles utilizam das novas ferramentas e se adaptam a elas, e como os dispositivos móveis trazem a possibilidade do público estar novamente presente na hora de um acontecimento de uma forma diferente, através das transmissões ao vivo nas redes sociais, descentralizado assim o poder midiático.

Para mostrar essas colocações vamos caminhar pela história do jornalismo explicando a sua importância na sociedade, e sua expansão ao longo do tempo, como a chegada da TV e da fotografia que ajudaram o jornalismo no processo da construção da credibilidade de levar a informação a sociedade, e com isso cada vez mais reforça seu poder de influenciar na cultura, na economia e na política de um povo.

Percorrendo a relação de jornalismo e a tecnologia pós-industrial, podemos ver também a influência e o impacto da chegada das tecnologias digitais como as redes sociais e a mobilidade da informação trazida por elas, e os dispositivos móveis como o celular que é um dos atores que participa dessa nova forma de relação entre as pessoas e o compartilhamento de informação na comunicação midiática tradicional.

Por fim esse trabalho tenta compreender o impacto do uso da *Live* (transmissão ao vivo) em plataformas de Mídias Sociais como o Facebook na descentralização do poder midiático tradicional e mostrar como a informação passada em tempo real afeta o poder do discurso que a mídia tradicional exerce; descrevendo as mudanças nas produções jornalísticas tradicionais atuais a partir da chegada e disseminação das **Lives**.

Para isso foi aplicada a teoria Ator-Rede de Bruno Latour (1980), nos discursos de 2 vídeos, o primeiro foi Jornal Nacional exibido pela Tv, e o segundo foi do Grupo Mídia Ninja<sup>2</sup> exibido através de uma *Live* no *Facebook*, ambos relatam o mesmo acontecimento que foi a Manifestação contra a reforma da previdência, do dia 24 de maio 2017, com discursos

---

<sup>2</sup> Mídia NINJA Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação.

Uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento, agindo e comunicando através das redes sociais. Fonte: [https://www.facebook.com/pg/MidiaNINJA/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/MidiaNINJA/about/?ref=page_internal)



diferentes. Essa análise é importante para que possamos perceber como a mobilidade da internet e as novas ferramentas que ela traz, por exemplo, a *Live* estão democratizando o acesso a informação, e quebrando poder de manipulação que o sistema midiático tradicional tem por monopolizar por muito tempo a informação.

Análise dos discursos foi feita através da teoria Ator-Rede por ser uma metodologia que estuda as relações dos humanos e não humanos e o efeito da ação de um sobre o outro, nos permitindo entender como os discursos através das redes sociais por meio dos dispositivos moveis se apresentam.

## **1. As mudanças do Jornalismo ao longo da história**

A construção da nossa história de sociedade e poder é feita de ações e personagens históricos, nesse contexto o jornalismo tem um grande papel social e responsabilidade como agente de destaque nessa história, por estar sempre colocando em discussão os principais assuntos de uma sociedade como economia, cultura, mercado e política.

A forma de fazer notícia vem se expandindo de acordo com o contexto histórico, acompanhando o avanço da sociedade. Traquina (2005) diz que vários fatores sociais colaboraram para o crescimento do jornalismo, mas os principais foram a escolarização da sociedade e o processo de urbanização, que intensificou o crescimento de futuras metrópoles. Difundindo cada vez mais os meios de comunicação.

O jornalismo vem sempre mudando sua forma de fazer notícia de acordo com a época, cultura e tecnologia em que está inserido. Conforme a tecnologia avança, tais novidades influenciam no comportamento social e por consequência na forma de fazer notícia.

Uma das mudanças significativas na comunicação midiática foi a revolução industrial por estar, entre outros fatores, ligada diretamente com a tecnologia. O jornalismo pós-industrial com os avanços tecnológicos do contexto da era digital traz novas oportunidades e novos caminhos nos meios da comunicação. Anderson, Bell e Shirky (2012) dizem que o jornalismo passou a ter uma liberdade maior para se comunicar, sem as antigas limitações como a escrita e a radiodifusão. Os obstáculos de espaço e tempo estão sendo transpostos.

“Se quisesse resumir em uma sentença a última década no ecossistema jornalístico, a frase poderia ser a seguinte: de uma hora para outra, todo mundo passou a ter muito mais liberdade. Produtores de notícias, anunciantes, novos atores e, sobretudo, a turma anteriormente conhecida como audiência gozam hoje de liberdade inédita para se comunicar, de forma restrita ou ampla, sem as velhas limitações de modelos de radiodifusão e da imprensa

escrita. Nos últimos 15 anos houve uma explosão de técnicas e ferramentas. E, mais ainda, de premissas e expectativas. Tudo isso lançou por terra a velha ordem.” (ANDERSON, BELL E SHIRKY, 2013. ESPM p<sup>3</sup>.32).

Anderson, Bell e Shirky (2013), citados por Guimarães (2017 p. 43) na sua dissertação de mestrado, acreditam que o jornalismo pós-industrial não se prende mais a necessidade de proximidade com o maquinário, trazendo o conceito de mobilidade para a forma de fazer jornalismo.

### **1.1 A fotografia e televisão como o olho da sociedade**

A chegada da câmera fotográfica trouxe a possibilidade de reproduzir a realidade e ser “as lentes” da sociedade, a fotografia jornalística tem o objetivo de representar com imagens a notícia que está sendo veiculada.

“As melhorias na reprodução de imagem, sobretudo com a fotogravura em 1851 e a heliogravura em 1905, deram um novo élan à imprensa [...] Em particular, a invenção da máquina fotográfica iria inspirar o jornalismo no seu objetivo de ser as “lentes” da sociedade, reproduzindo *ipsis verbis* a realidade...” (TRAQUINA, 2005, p.38, grifo do autor).

Seria esse o discurso do jornalismo, transmitir a realidade na íntegra através da imagem, porém observamos que uma fotografia pode representar uma ideia e sobre escrever outro sentido em uma notícia. Como diz a expressão: “em alguns momentos o signo supera o significado”. A manipulação da fotografia pode, assim, contar um fato de várias formas atendendo os interesses da linha editorial do seu jornal e influenciar a imaginação social na leitura de uma realidade. A mesma lógica se aplica à televisão e ao vídeo de modo geral, enquanto linguagens audiovisuais que utilizam a força da imagem (neste caso em movimento) como signo de credibilidade, para transmitir informações com um caráter testemunhal, passando a sensação de que o expectador observa os fatos tal qual eles aconteceram.

A marcante chegada da televisão no Brasil em 1950 traz uma mudança mais profunda na forma de se comunicar participando até hoje de momentos marcantes na sociedade. Sendo um dos principais veículos de comunicação, a televisão constrói narrativas abrangentes e de grande alcance sobre o espaço social e no cotidiano, com destaque aos noticiários, narrando

---

<sup>3</sup> Link da revista ESPM  
[http://www.espm.br/download/2012\\_revista\\_jornalismo/Revista\\_de\\_Jornalismo\\_ESPM\\_5/files/assets/common/downloads/REVISTA\\_5.pdf](http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf)

os fatos de forma que o sujeito se reconheça, identifique-se e identifique seu lugar social, é assim que a TV se transforma na “conselheira” das pessoas no seu dia a dia, auxilia e influencia nas soluções de problemas e conflitos.

Vizeu (2008) diz que a TV, em específico os telejornais, contribuem para a construção social da realidade.

“Os estudos sobre esse fenômeno exigem do mundo acadêmico, em particular dos pesquisadores, um olhar mais atento e maiores investigações sobre os telejornais de rede nacional, os noticiários regionais e locais que contribuem, diariamente, de uma forma relevante, para a construção de parte da realidade social da realidade brasileira...” (VIZEU e CORREIA, 2008, p. 11-12).

Com as notícias acontecendo de forma instantânea, o Jornalismo teve que se reinventar várias vezes na televisão para fazer parte do cotidiano da sociedade. Uma dessas transformações foi a intervenção ao vivo, não só no telejornal, pois dependendo da importância do fato ocorrido, a transmissão poderia entrar ao vivo a qualquer hora do dia interrompendo qualquer tipo de programação. Mas para fazer uma chamada ao vivo era necessária uma infraestrutura (câmeras, antenas de transmissão, câmeras, disponibilidade de sinal, etc) e uma equipe grande, e mesmo assim era muito difícil passar a informação em tempo real.



**Figura 01**<sup>4</sup>: Primeira Unidade Móvel da América latina pertencente a TV Tupi

---

<sup>4</sup> Site da onde foi coletada a foto 01 a cima: <<http://www.tudosobretv.com.br/historvtv50.htm>>.



**Figura 02<sup>5</sup>:** Unidades móveis de jornalismo Rede Globo

Com a ascensão do Jornalismo causada por essas e outras mudanças, os meios de comunicação tiveram que acelerar a produção de notícias, assim o jornalismo cresceu, dando destaque e responsabilidade ao repórter, ator fundamental desse meio.

Com esse crescimento, graças à tecnologia, o jornalismo vem causando grande impacto no imaginário social e interferindo nas grandes decisões no meio político e cultural. Exemplo disso ocorreu durante a ditadura militar no Brasil (de 1964 a 1985), que por “medo” da influência do poder midiático, calou e destruiu muitos jornais por mostrarem os absurdos das intervenções militares, por outro lado, utilizou deste mesmo poder através de novos telejornais que surgiram neste mesmo período e não contestavam o regime ditatorial, como é o caso do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, cuja estreia aconteceu no dia 01 de setembro de 1969, utilizando-se da nova tecnologia de distribuição de sinal em rede nacional: o sistema de microondas <sup>6</sup>.

O Jornal Nacional era o telejornal âncora da Rede Globo no período da Ditadura, e assim passava a controlar e centralizar as notícias exibidas em todas as emissoras da rede no Brasil

“O Jornal Nacional foi o primeiro programa em rede nacional gerado no Rio e retransmitido para todas as emissoras da rede. A equipe de jornalistas do JN conseguiu, em pouco tempo, transformá-lo no mais importante noticiário brasileiro, alcançando altos índices de audiência” (História do JN, G1, 12/04/2010) <sup>7</sup>

Com o índice de audiência significativo podemos perceber a dimensão de influência através da notícia que o jornal poderia atingir na época.

<sup>5</sup> Imagem 02 tirada do site: <http://redeglobo.globo.com/se/tvsergipe/noticia/2014/02/jogo-de-abertura-da-copa-tv-sergipe-de-futsal-teve-transmissao-ao-vivo.html>

<sup>6</sup> Sistema de transmissão por ondas eletromagnéticas muito usada na radiodifusão, principalmente nas transmissões de rádio e TV em emissoras comerciais.

<sup>7</sup> Site da matéria G1 <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>

Em 1975, uma das exibições do Jornal Nacional exaltava a Ditadura Militar exibindo, de forma manipuladora, matérias sobre os 11 anos anteriores ao ano de exibição da matéria para mostrar a diferença do que eles chamavam “Brasil de ontem” para o Brasil com o golpe militar. A exibição é dedicada pelo jornal aos jovens que viviam a ditadura, dizendo de uma forma indireta que eles não viveram aquela época para ver como estava o país antes de 1964, uma estratégia para passar a imagem de que os jovens manifestantes da época estavam equivocados com sua opinião sobre a ditadura.

“Então a eles, aos os jovens, que não viviam ainda dedicamos este programa, bem como a todos aqueles que foram esquecendo os dramáticos instantes de 11 anos atrás” (Rede Globo 1975, vídeo do canal “O povo não se Cala”)

O vídeo iniciava com a voz do Cid Moreira com um tom marcante e uma música lenta de fundo, (que dá uma sensação de leveza) falando sobre a grandeza do país, em seguida ele fala dos jovens que 11 anos antes de 1975, eram apenas crianças e outros não eram nem nascidos.

Em seguida, o jornal mostra matérias que falam sobre greves, ameaça de guerra civil e a decadência da economia 11 anos antes de 1975, isso tudo para tentar passar a ilusão de que tudo estava melhor com a intervenção militar.

Em 1979, a Rede Globo fez uma retrospectiva dos anos 1970, em que mostrou a evolução do mundo na área da saúde, os conflitos em vários países, inclusive no Brasil. A emissora colocou os manifestantes em uma posição de alienados, com imagens das manifestações mostrando que os jovens só traziam o caos, a desordem e que não tinham consistência em seus argumentos. Uma forma explícita de apoio à ditadura.

“No Brasil no início da década (1970) os jovens fizeram como os Beatles e os Ripes baixaram a guarda, fugiram, foram embora (...) Herança da década de 60, nas paredes a galeria de procurados eram jovens atraídos pelo radicalismo para ser o braço armado da luta contra o regime, já nos anos 70 a contestação dos jovens foi mais barulhenta e menos temível”. (Retrospectiva dos Anos 70 - Globo - Parte 02 de 13 do minuto 4:4 ao minuto 5:5).

Dentro de todo esse contexto, podemos ver o quanto os meios de veicular as notícias têm poder sobre a informação como os jornais e telejornais podem deturpar uma informação para satisfazer seus próprios interesses, privando o receptor de notícias transparentes, comprometendo-se em induzir a um imaginário ilusório da realidade. Também podemos perceber a evolução do jornalismo dentro tecnologia de cada época como a fotografia

jornalística, e televisão, e mais um ponto a ser observado é a evolução da mobilidade jornalística com as chamadas ao vivo e a distribuição de sinal em rede nacional com o sistema de microondas.

## 1.2 Redes sociais<sup>8</sup> e sua influência no jornalismo atual.

Ao longo da história, como podemos observar, a mídia e o governo monopolizaram os meios de comunicação estruturando seu poder. Revoluções, regimes ditatoriais e grandes manifestos fizeram parte dessa história, o jornalismo sempre atuando como agente transmissor da realidade social, porém nem sempre agindo com a fidelidade aos fatos.

A dinâmica e a capacidade de se reinventar dão ao jornalismo credibilidade para ser “olho do povo”. Pensando no jornalismo atual podemos ver outra configuração, com a chegada da internet acontece ***uma ruptura na monopolização do poder da informação***, na qual o povo passa a ter outras formas de acesso à informação, o poder de veicular ou compartilhar informações para familiares e amigos com seu próprio olhar.

“O resultado mais impactante, em primeiro lugar, das tecnologias de vazamento que surgem na Internet é a criação de um regime próprio de atenção, deflacionando a visibilidade que se concentrava em altas doses nas mídias tradicionais. Essa captura de atenção produz um dos efeitos mais fantásticos desse novo século: a perda do monopólio da narração sobre o passado pertencente aos grupos editoriais e de comunicação (estatais ou corporativos). Afinal, não só os usuários podem conectar qualquer informação antiga que esteja na rede com uma atual, como eles podem determinar o alcance de uma informação atual, replicando-a por diferentes interfaces.” (ANTOUN e MALINI, 2010.p. 194).

Com o aumento do fluxo de troca de informações entre as pessoas diariamente através da internet, as plataformas de poder como empresas, governo e a mídia foram afetadas pelas condições de mobilidade dessa ferramenta. O jornalismo mais uma vez precisou se adaptar e se reinventar para essa nova realidade.

Os meios tradicionais de comunicação não imaginavam que essa nova ferramenta viesse a impactar tanto no seu poder de controle do imaginário social e mudar radicalmente a forma de fazer jornalismo.

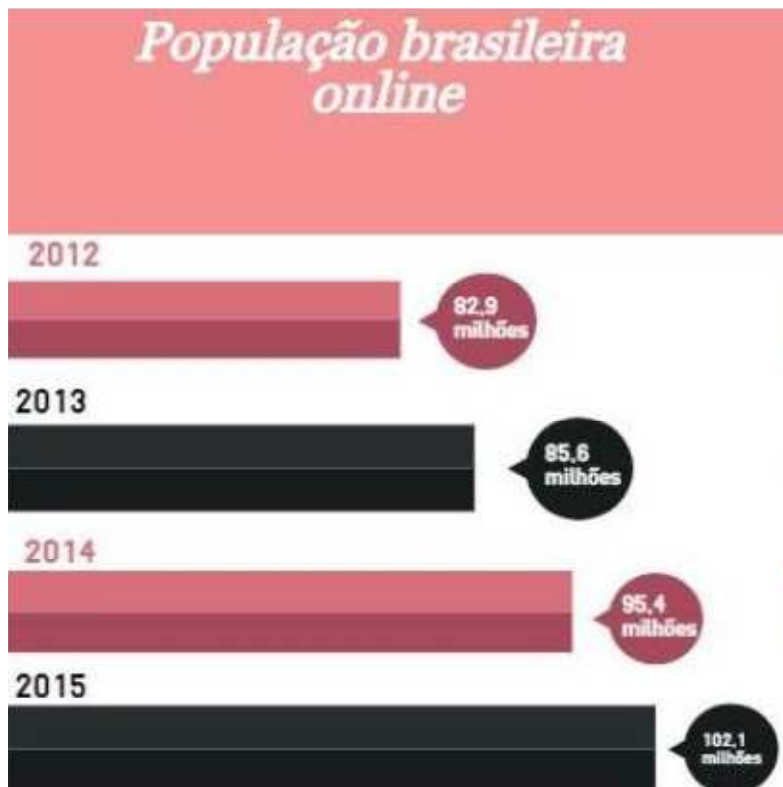
---

<sup>8</sup> Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores, ou seja, nós (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Wellman, 1997 apud TEIXEIRA, Gilmar Barcelos 2010)

Apesar da internet hoje não estar presente em todo o planeta, milhares de pessoas estão conectadas a ela e isso reflete diretamente no dia a dia dessas pessoas. Com a criação de várias redes de computadores interligadas que permitem uma comunicação mais acessível e mais abrangente para o povo e traz, também, a possibilidade da informação ser disseminada rapidamente.

“No final de 1995, o primeiro ano de uso disseminado da *World Wide Web*, havia cerca de 16 milhões de usuários de redes de comunicação por computador no mundo. No início de 2001, eles eram mais de 400 milhões; previsões confiáveis apontam que haverá cerca de um bilhão de usuários em 2005, e é possível que estejamos nos aproximando da marca dos dois bilhões por volta de 2010, mesmo levando em conta uma desaceleração da difusão da Internet quando ela penetrar no mundo da pobreza e do atraso tecnológico.” (CASTELLS, 2003. p. 08).

No Brasil, Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) em 2015, o país ultrapassou 100 milhões de internautas, porém reduziu bastante o número de computadores nas residências. Isso se deve ao crescimento de acesso à internet por outros meios móveis, fora do domicílio, como celular e o tablete. Os dados estatísticos indicam, desse modo, uma tendência ao uso cada vez mais frequente de conexões sem fio, acentuando assim o contexto da mobilidade.



Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2016, (produção própria do gráfico)

Através de uma pesquisa recente feita em 2016, a Pesquisa Brasileira de Mídia, podemos ter uma noção do rápido crescimento de usuário conectados a internet. A pesquisa mostra que a internet com 26% é o segundo meio de comunicação mais usado pelos brasileiros, ficando atrás apenas da TV com 63%. Crescimento que se expandiu ainda mais com a chegada dos dispositivos móveis que trouxeram outra dinâmica para a forma de relacionamento e compartilhamento de informação, essa mesma pesquisa mostra que o celular é o dispositivo móvel mais usado em 2016 com 93% de usuários conectados, e esse crescimento afeta mais uma vez a configuração de fazer jornalismo, provocando uma adaptação em uma nova plataforma.<sup>9</sup>

Com esses dados, podemos ter uma noção da abrangência da internet no Brasil e como podemos ver esse crescimento se dá também pela mobilidade que o dispositivo, em especial o celular, traz para os usuários. Hoje com 3G ou 4G as pessoas podem acessar a rede de quase todos os lugares, *transformando o receptor em um agente emissor das informações*. Consideramos que **esta é uma nova ruptura no poder quanto à disseminação das informações em relação às mídias tradicionais**.

### 1.3 O impacto dos dispositivos móveis no jornalismo

O telefone celular é um dispositivo relevante para inclusão social junto com a internet que se tornou um meio de comunicação de massa, como defende Slevin, citado por Gustavo Cardoso no livro “A Mídia na Sociedade em Rede” (2007) dizendo que: baseado no conceito cultural de Thompson (1985) considera que a internet, como os meios de transmissão culturais anteriores, possui os atributos que nos permitem considerá-la como um meio de comunicação de massa.

“Reconhece na internet atributos técnicos de mediação (como a fixação de informações, reprodução do conteúdo e participação dos que a utilizam) um *apparatus* institucionalizado de transmissão visível na seletividade dos canais de difusão e nos mecanismos de implementação restrita, por fim um certo tipo de distanciamento espaço-temporal envolvido na transmissão.” (SLEVIN apud CARDOSO, 2007. p. 108)

---

<sup>9</sup> Link da pesquisa :[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa\\_resultados.php?id\\_pesquisa=40](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40)



O espaço e tempo passam a ter uma diminuição significativa, o acesso do usuário às notícias é cada vez mais rápido, um acontecimento em Brasília para uma pessoa que mora no Nordeste, antes desse acesso, demoraria horas para ser levada ao receptor. Com a rede, o tempo e a distância se resumem a um clique.

A partir desse momento qualquer pessoa com um celular conectado às redes móveis 3G, 4G ou *wifi* pode ser ator principal no relato de um fato, por esse motivo o jornalismo perde boa parte da exclusividade nas notícias. Marcondes Filho (2000) citado por Ana Maria Brambilla (2005, p. 106) em seu trabalho sobre a identidade profissional no jornalismo *open source* enfatiza que, no contexto atual, todas as pessoas são potenciais jornalistas: “basicamente, cada um pode ser um provedor de informação. Com uma câmera acoplada ao PC, qualquer coisa pode virar notícia.” Diante dessa situação, o jornalismo encara como única saída utilizar do conhecimento científico e cotidiano e explorar e se adaptar também a esses novos recursos. Concorrer com milhares de pessoas prontas para compartilhar notícias, acontecimentos de uma forma imediatista, pode trazer grandes prejuízos para as mídias tradicionais. O deles principal, no nosso ponto de vista, é a quebra do monopólio do poder de manipulação que alimenta interesses próprios.

Como podemos ver ao longo desse trabalho o jornalismo tem a responsabilidade de mostrar a realidade de um povo em suas categorias, a política é um dos pilares da sociedade, quando não relatada de forma clara e verdadeira traz grandes perigos, como falsos julgamentos e decisões precipitadas, criando uma ilusão no receptor para fortalecer o poder de um grupo e seus interesses.

“Num mundo turvado de aflições econômicas, caos social, cinismo político vazio cultural, e desesperança pessoal aquilo apenas aconteceu. Subitamente ditaduras podiam ser derrubadas pelas mãos desarmadas do povo, mesmo que essas mãos estivessem ensanguentadas pelos sacrifícios dos que tombaram. Os mágicos das finanças passaram de objeto da inveja pública para alvo de desprezo universal. Políticos viram-se expostos como corruptos e mentirosos. Governos foram denunciados. A mídia se tornou suspeita. A confiança desvaneceu-se. E a confiança é o que aglutina a sociedade, o mercado e as instituições. Sem confiança nada funciona, o contrato social se dissolve” (Castells 2013, p 06).

Em um mundo que chegou a esse ponto as pessoas cansadas de tudo isso resolveram utilizar a internet para quebrar esse poder, tudo começou com as manifestações organizadas

através da rede. “O primeiro movimento social conectados em rede foi no mundo Árabe<sup>10</sup> e se espalhou pela Europa e Estados Unidos” conforme diz Castells (2013.p 07).

Castells (2013) resalta que nos Estados Unidos um dos movimentos em destaque o *Occupy* pela bandeira: “Unidos pela mudança Global”, mobilizou em 2011 milhares de pessoas em 951 cidades de 82 Países. Movimentos como esses não podiam passar despercebidos pelas mídias tradicionais como a revista Time que deu o título de personalidade do ano aos manifestantes do movimento *Occupy Wall Street*.

No Brasil também aconteceram alguns casos de manifestações, porém nesses casos as redes foram utilizadas de outra forma, foram usadas para transmitir as manifestações por vídeos e fotos, contrapondo o discurso das TVs de rede nacional, o que gerou uma repercussão muito grande, debates em fórum nas redes sociais, sites e jornais.

“Um dos acontecimentos foi o violento confronto da polícia com os professores, funcionários e alunos em greve na Universidade de São Paulo, ocasionando a prisão de algumas lideranças. As TVs e os jornais dos grandes grupos de comunicação estabeleceram desde o início uma narrativa para o ocorrido. Eles insistiam no fato da greve estar esvaziada e corroboravam a versão da polícia de que os grevistas teriam cercado e ameaçado os policiais, provocando o confronto.” (ANTOUN E MALINI, 2010. P 178).

A versão exposta na citação anterior não se sustentou muito depois dos vídeos e imagens veiculados em vários tipos de rede de comunicação na internet. Nos discursos nas redes sociais, os usuários (agentes da notícia) chamaram atenção para a ausência de fotos que mostram as acusações que foram feitas pelas TVs. Com essas indagações vários blogs começaram a explorar, postando e compartilhando a fala do capitão da Polícia Militar dizendo: que precisou efetuar as prisões dos manifestantes, e em contra ponto a fala do advogado dizendo: que a ordem não poderia ter vindo do Juiz, que reintegração de posse não permite prisões, e esse discurso somado com a veiculação de imagens da chegada da tropa de choque lançando bombas e atirando contra os grevistas permitiam a construção de outra narrativa do acontecimento, relata Antoun e Malini (2010).

A edição do Jornal Nacional do dia 24 de maio de 2017, que fala sobre as manifestações em Brasília contra a reforma trabalhista, coloca os manifestantes como pessoas violentas, quebrando tudo e atacando os policiais. Podemos perceber isso no discurso do vídeo pelo tom de voz da jornalista quando fala do presidente (a quem a matéria está

---

<sup>10</sup> Manifestação de massa realizada na praça Tahrir no Cairo em 25 de Janeiro de 2011, (Castells 2013. p 19)

favorecendo) e quando fala dos manifestantes, com um tom de revolta, e pela a edição do vídeo que só mostra fogo, bombas e janelas quebradas.



**Figura 3:** Imagem dos manifestantes feita pelo Jornal Nacional no dia 24/05/2017.<sup>11</sup>

## 02. Revertendo o discurso dos jornais tradicionais com a chegada da *Live* no Facebook.

Como podemos ver no relato de Antoun e Malini (2010), a desconstrução do discurso das mídias tradicionais já vem acontecendo através de várias redes na internet. Com a explosão dessas redes no contexto político e social, canais como o Facebook deixaram de ser apenas modismos e um lugar para encontrar amigos, mais do que qualquer escola as redes sociais ensinam uma nova linguagem de fazer notícias e proporcionam uma nova democracia de comunicação em massa.

“A mediação da publicidade agora se vê confrontada com a mediação das interações e recomendações dos usuários e blogueiros. Não é à toa que o intelectual, o crítico e o jornalista foram as primeiras figuras a serem colocadas em xeque por essa nova ordem textual. Os três detinham por séculos o poder de representar a informação e a ideia, a partir de uma produção baseada na produção da verdade por meio do isolamento.” (ANTOUN E MALINI, 2010. p 195).

Esse processo favoreceu os movimentos de manifestações pelo mundo, como diz Antoun e Malini, (2010) no passado os jovens quebraram a unidade da luta pela humanidade, as mulheres divorciadas queimaram seus sutiãs, os negros miliciados em bandos de panteras e

---

<sup>11</sup> Link de onde a imagem foi extraída <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/05/24.html>

os homossexuais rebelados exigindo a revelação de sua condição. Hoje eles gostam de compartilhar, querem colaborar livremente entre seus coletivos e exigem que lhes seja devolvida a franqueza com que se relacionam com os estados, as corporações e as instituições. Se as condições para o jogo da franqueza social são o anonimato e o vazamento, eles estão dispostos a inundar as ruas e as praças, sobrecarregar as redes sociais e informacionais exigindo honestidade e transparência na governança, condições mínimas para aceitação da governamentalidade.

A partir do momento que os militantes começaram a gravar vídeos do que realmente acontecia nos protestos, todo contexto mudou, como podemos ver o poder de manipulação das mídias tradicionais começou a se fragilizar e surge a necessidade de novas estratégias para retomar o controle do imaginário social.

Com a plataforma de *streaming*, o vivo do Facebook, que surgiu em 2015, mas foi aberta aos usuários comuns apenas em janeiro de 2016, que pode fazer transmissões ao vivo a qualquer momento de quase todos os lugares com apenas um smartphone, alguns grupos de jornalismo independente, como o Mídia Ninja, começaram a se fortalecer tomando espaço nas redes, em especial o Facebook, transmitindo ao vivo as manifestações e colocando mais uma vez em cheque os discursos dos jornais da TV, impressos e rádios, tirando os militantes da posição de agressores, mostrando a realidade em que eles eram agredidos pelos policiais violentamente.

### **3. Análise dos vídeos do Jornal Nacional e da Página Mídia Ninja através da teoria Ator-Rede.**

Este trabalho desenvolve uma análise através da teoria Ator-Rede (LATOUR, 2005) rastreando as ações dos actantes (humanos/não humanos) sobre a cobertura das manifestações contra a reforma trabalhista de 24 de maio de 2017, feita através de aplicativos de *streaming* no *Facebook* pela página Mídia Ninja, explorando as condições de mobilidade e a produção de conteúdo que essa ferramenta traz através da relação do homem com celular.

“Latour (2005) define a Teoria Ator-Rede como uma teoria baseada na sociologia das associações em vez de sociologia do social, tendo em vista que há uma equiparação entre atores (que ele denomina de actantes), sejam humanos ou não-humanos, numa relação híbrida e de ontologia plana. Portanto, o que são observadas são as associações entre os actantes e as ações construídas ou as controvérsias a partir da mediação técnica ou do agenciamento sociotécnico...” (SANTAELLA; CARDOSO, 2015 apud GUIMARÃES. p 49).

A Teoria Ator-Rede (TAR) foi desenvolvida na década de 1980 por Bruno Latour, Michel Callon, Madeleine Akrich, John Law e Wieber Bijker para estudar a interface entre ciência e tecnologia. Posteriormente, Bruno Latour aperfeiçoou os conceitos e a base teórico-metodológica avançando para novos aspectos, de modo a constituir numa ferramenta metodológica para pesquisas em diversas áreas do conhecimento (GUIMARÃES, 2017). Latour (2005) entende que os acontecimentos são formados pela relação entre os humanos e não humanos, que ambos têm o mesmo valor diante das relações de vida. A teoria é vista por Lemos 2013 (apud GUIMARÃES, 2017) como a “sociologia da mobilidade”. A mobilidade que se apresenta aqui se refere às associações promovidas pela relação do humano e não humano.

Latour (2005) sugere a Cartografia de Controvérsias como metodologia da Teoria Ator-Rede para que possamos compreender como funciona essa metodologia. As **controvérsias** são pontos de tensionamento que se dão quando algo que era para funcionar corretamente não está mais cumprindo sua função nas **redes sociotécnicas**, que são as ações humanas em geral, o uso de objetos e práticas sociais. Quando não existem esses tensionamentos nas relações, quando tudo está estabilizado e harmonioso é dado o nome de **caixa preta**. Às vezes, acontece do processo de relações ainda estarem em andamento para resolução de uma tensão, por exemplo: um novo aplicativo com o objetivo de dar suporte de dados a uma empresa, que está sendo desenvolvido e ainda em processo de teste das suas funções para executar a tarefa de forma precisa, esse processo é chamado de **caixa cinza**, nesse caso existe uma tensão, mas que está em andamento para ser resolvida.

“1) A controvérsia é sobre um objeto técnico, mas não se reduz ao objeto puro e simplesmente técnico, já que esse não existe. Todo objeto é social e deve ser visto pelas suas relações. 2) As soluções são sempre múltiplas e sem direção dada de antemão, já que envolvem a negociação entre diversos actantes que são eles mesmos redes, eventos híbridos. 3) os grupos implicados têm interesses variados, cosmovisões que entram em conflito e que revelam força e hierarquias diferenciadas. 4. As forças tendem a se equilibrar nas negociações ao longo da controvérsia, esfriando-a, criando pontualizações ou caixas-pretas.” (LE MOS, 2013, p. 108-109 apud GUIMARÃES 2017).

Em primeiro lugar, na análise que será apresentada nesse artigo devemos identificar a controvérsia para chegar ao **actante** que nos permite mudar o nosso campo de ação e criar outras realidades a partir dele. Em segundo lugar, perceber o impacto das relações de mobilidade que ele traz, no jornalismo tradicional, para isso foi feita uma análise de dois

vídeos, sendo um do Jornal Nacional (enquanto representante do que chamamos de mídias tradicionais) com duração de 5 minutos e 42 segundos, e outro do Grupo de jornalismo independente Mídia Ninja exibido através do *Facebook* pela *Live* de 42 minutos.

Na análise do primeiro vídeo da matéria do Jornal Nacional exibido através da TV (mídia tradicional), podemos perceber a partir do discurso e das imagens que o jornal coloca sobre os manifestantes a **controvérsia** (o ponto de tensão). O discurso da TV não estava cumprindo com sua função de transmitir a informação na íntegra. Com os recursos de edição de vídeo, a entonação e mudança de voz ao narrar à matéria é fácil perceber que o jornal se coloca a posição contrária à manifestação.

A matéria começa com a jornalista explicando o motivo pelos quais as forças militares interferiram na manifestação, justificando que era para proteção dos órgãos públicos. Em seguida, entram imagens da manifestação e um jornalista fazendo o *off*<sup>12</sup> as imagens, falando que a manifestação começou pacífica.



**Figura 04:** Imagem feita pelo Jornal Nacional no dia 24/05/2017. Fonte: Reprodução de TV.

Em seguida, o jornalista mostra imagens dos manifestantes em confronto com a polícia, colocando-os na posição de vândalos e a manifestação como um ato de violência. Observando o resto da matéria, é possível perceber alguns pontos que colocam em cheque a veracidade de como a informação foi passada, por exemplo, quando o jornalista fala dos

---

<sup>12</sup> Texto em off, ou off: “Texto gravado pelo repórter – normalmente após a gravação da matéria. É a narração da notícia, colocada durante a matéria”. Definição disponível em: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>>

policiais o jornal coloca a imagem à distância, não dá para ver de forma clara a ação dos policiais.



**Figura 05<sup>13</sup>**: Imagem dos policiais e manifestantes feita pelo Jornal Nacional no dia 24/05/2017. Fonte: Reprodução de TV.

Em outra imagem o jornal mostra os manifestantes, a câmera filma de muito perto um homem mascarado jogando algo em direção a polícia, passando a mensagem que só os manifestantes atacavam.



**Figura 06<sup>14</sup>**: Imagem dos manifestantes feita pelo Jornal Nacional no dia 24/05/2017. Fonte: Reprodução de TV.

Em seguida mostra imagens de fogo, fumaça para reforçar o discurso da violência que a manifestação estava causando.

---

<sup>13</sup> Link de onde a imagem foi extraída <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/05/24.html>

<sup>14</sup> Link de onde a imagem foi extraída <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/05/24.html>

No segundo vídeo do grupo de jornalismo independente, Mídia Ninja, podemos identificar o **actante**, que no caso é esse novo personagem jornalístico que surge com o uso do celular e sua cadeia sociotécnica, nesse caso a ferramenta *Live* no *Facebook*, que faz transmissões ao vivo conectadas a internet.

Analisamos agora a relação que é construída entre o humano e não humano, o impacto que isso causa e quais os resultados práticos que partem desse novo modelo de transmissões jornalísticas.

O primeiro aspecto a ser analisado no vídeo é a transformação que o humano causa no objeto não humano e vice-versa, que nesse é o jornalista como primeiro ator e o segundo é o celular, a forma de relação que foi construída entre eles utilizando a ferramenta *Live* para transmitir uma informação mais transparente para sociedade, causam contradições ao discurso da mídia tradicional analisada por primeiro.

No vídeo do Grupo Mídia Ninja não há nenhum tipo de edição ou produção como cortes de imagens ou troca de câmera, é apenas utilizado um celular conectado a internet, o jornalista no primeiro momento sai caminhando no espaço que está acontecendo a manifestação e transmite no Facebook todos os momentos ao vivo pela *Live* utilizando celular. Assim sendo, o discurso do vídeo é totalmente oposto ao do Jornal Nacional, o jornalista mostra imagens ao vivo dos manifestantes distantes dos policiais, agindo de forma pacífica e através do som do ambiente é possível ouvir os militantes nos carros falando sobre a forma violenta abordagem polícia.



**Figura 07:** Imagem exibida em transmissão pela página Mídia Ninja no Facebook. Fonte: reprodução de internet.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Link da página que a imagem foi tirada <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/videos/895491610608985/>



Em seguida, a transmissão mostra a imagem do bombeiro pedindo para os policiais pararem de atirar, porque tem uma pessoa ferida, enquanto o jornalista caminha até o local e mostra a pessoa sendo atendida pelos bombeiros.



**Figura 08:**<sup>16</sup> Imagem exibida em transmissão pela página Mídia Ninja no Facebook. Fonte: reprodução de internet.



**Figura 09:** Imagem exibida em transmissão pela página Mídia Ninja no Facebook. Fonte: reprodução de internet.

É importante perceber o discurso que é colocado através desse grupo jornalístico, que se contrapõe totalmente o discurso do primeiro vídeo analisado, onde é possível perceber que o jornal resume a manifestação a atos isolados, que mostram violência vindo apenas da parte de manifestantes, a TV se posicionando mais uma vez como defensora de uma das partes. Vimos durante esse trabalho essa não é a função do jornalismo, para funcionar dentro do conceito de **Caixa preta**, o jornalismo deveria ter um discurso imparcial e relatar todos os fatos.

---

Link da página que as imagens 8 e 9 foram tirada <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/videos/895491610608985/>

Por outro lado as coberturas feitas pela *Live* vêm ganhando espaço e credibilidade por serem em tempo real, por apresentar o fato com caráter testemunhal, por não ter texto prévio e nem produção e edição de imagens a única interferência que pode acontecer é a forma de como a pessoa vai escolher posicionar câmera do celular, que no caso dessa transmissão o agente da informação está mostrando do ponto de vista dos manifestantes.

É de extrema importância para a sociedade a mobilidade que o actante traz, essa possibilidade de transmitir ao vivo um acontecimento de qualquer lugar que tenha internet, com apenas um aparelho celular afeta completamente comportamento do jornalismo induzindo que ele deixe para trás algumas regras como a câmera filmar na vertical ou a linguagem que é usada no áudio visual tradicional, hoje filmar nesta posição e ter uma fala coloquial faz parte dessa nova linguagem influenciada pelas redes sociais.

Com a ferramenta *Live* mostrando os fatos em tempo real sem edições ou alterações, a informação se apresenta com uma melhor transparência, mas ainda assim não podemos afirmar que a transmissão é totalmente livre de manipulação, nesse caso a *live no facebook* é considerada dentro desta teoria como **caixa cinza**, por ainda está em processo de desenvolvimento, por não existir um padrão que garanta total transparência na utilização dessa ferramenta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho analisamos algumas das principais mudanças no jornalismo através dos avanços tecnológicos, como fotografia e TV, e a capacidade dele de se adaptar e dominar cada um desses avanços para continuar no controle manipulando o imaginário social através do poder da informação, também podemos ver a chegada das redes sociais e o que mudou no jornalismo a partir dessa chegada que trouxe a possibilidade de várias pessoas conectadas a internet trocarem informações, em curto prazo gerando a **ruptura na monopolização do poder da informação**. Em seguida, descrevemos um pouco do impacto que os dispositivos móveis provocaram no jornalismo tradicional e como a *Live do Facebook* feita através desses dispositivos vem transformando profundamente a forma de compartilhar e fazer notícias por ter a capacidade de transmitir o fato em tempo real, e ao mesmo tempo compartilhar com milhares de pessoas permitindo que elas participem da transmissão expondo sua opinião sobre o acontecimento.

Por fim, analisamos dois vídeos sendo um de uma mídia tradicional, o Jornal Nacional, e o outro, uma *Live no Facebook* transmitida pela página Mídia Ninja, utilizando a

teoria **Ator-Rede** na análise podemos perceber o contra pondo do discurso de um vídeo para o outro, mostrando também que o jornalismo tradicional em alguns momentos não cumpre com sua função de relatar o fato como ele aconteceu. Na teoria, isso é identificado como a **controvérsia**, também é identificado nos nossos resultados o **actante** que é a relação entre o jornalista independente e o dispositivo móvel, a ação de um sobre o outro e seu impacto no jornal tradicional, mostrando mais uma vez a tentativa da mídia tradicional manipular a sociedade, mas com advento da internet e a mobilidade da *Live* na rede social, essa mídia perde parte do seu poder de concentração de informação e a força do seu discurso é fragilizado.

## **ABSTRACT**

With the advent of the Internet and digital media especially Lives in social networks, there was a break in the monopolization of information by traditional media. This article aims to analyze the impact of the Live tool on Facebook in journalistic coverage and access to information, compared to traditional media. The coverage analysis was carried out based on a case study on the publication of information related to the political manifestations against the Pension Reform held on May 24, 2017 in Brasília. We took as an analysis cut two videos displayed in different types of media, the first one a traditional media subject displayed in the National Journal of Rede Globo de Televisão shown on 05/24/2017. The second video refers to the live broadcast performed on the same day of the demonstrations by the Media Ninja page on Facebook. We apply concepts related to the Actor - Network theory with the concept of "Cartography of Controversies" (Bruno Latour 1980) to identify the actions of human and non - human actants participating in this coverage, through theory we perceive the impact caused by Internet mobility in discourse traditional media

**Keywords:** Digital Media, Traditional Media, Democratization of Information, Political Communication, Actor-Network.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, BELL E SHIRKY, 2013. Revista ESPM, Jornalismo pós- industrial . link:  
[http://www.espm.br/download/2012\\_revista\\_jornalismo/Revista de Jornalismo ESPM 5/files/assets/common/downloads/REVISTA\\_5.pdf](http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf)

ANA MARIA BRAMBILLA, 2005 **A identidade profissional no jornalismo open source** publicado no Em Questão | ISSN 1808-5245  
<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/114>

ANTOUN, HENRIQUE e MALINI, FÁBIO (2010), **@internet e #rua ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Editoração: Clo Sbardelotto

Guimarães, Elvis Maciel. **A Cobertura Jornalística das Olimpíadas 2016: Apropriações do Facebook Live pelo SporTV**, João Pessoa 2017

Cardoso, Gustavo **A mídia na Sociedade em Rede** 2007 FGV editora.

Castells ,Manuel: **Redes da indignação e esperança, movimentos sociais na era da internet** 201, Zahar editora

Castells,Manuel 2005 **A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Acção Política**

Globo 1975, vídeo do canal “ **O povo não se Cala**”

Link:<https://www.youtube.com/watch?v=eoJOrwGa0ZU>

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2016,

Link:[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa\\_resultados.php?id\\_pesquisa=40](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40)

Pesquisa Brasileira de Mídia link <http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>

Retrospectiva dos Anos 70 - Globo - Parte 02 de Link:

[13https://www.youtube.com/watch?v=\\_LKvZkdfp3A](https://www.youtube.com/watch?v=_LKvZkdfp3A)

Site da matéria G1 <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>

LATOUR, BRUNO **Reensamblar lo social: Una introduccion a la teoria del actor-red**, MANANTIAL 2005

SANTELLA, LUCIA Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), **O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour**. jan./jun. 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. 2005, Editora Insular

VIZEU, Alfredo Eurico; CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência**.

[https://www.academia.edu/385852/A\\_constru%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_real\\_no\\_telejornalismo\\_do\\_lugar\\_de\\_seguran%C3%A7a\\_ao\\_lugar\\_de\\_refer%C3%Aancia](https://www.academia.edu/385852/A_constru%C3%A7%C3%A3o_do_real_no_telejornalismo_do_lugar_de_seguran%C3%A7a_ao_lugar_de_refer%C3%Aancia)

TEIXEIRA, Gilmar Barcelos 2010, Artigo **REDES SOCIAIS E COMUNIDADES: DEFINIÇÕES, CLASSIFICAÇÕES E RELAÇÕES** link do artigo:

<http://seer.ufg.br/renote/article/viewFile/15251/9008>